

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado do Paraná

Class.: 344

Data 7 de Junho de 1980

Pg.: _____

Amazônia: FAB, índio, missionário

Jorge Baleeiro de Lacerda

É digno de nosso reconhecimento o trabalho dos missionários católicos na Amazônia. Quem conhece a história dos Salesianos — mormente os do Rio Negro — sabe o quanto trabalharam, quando a Amazônia ainda não tinha sobre ela os olhos cobiçosos do resto do País. Perdidos na imensidão dos rios e da mata amazônica, heróicos missionários italianos, franceses, alemães, austríacos, etc., ajudaram aqueles milhares de caboclos, semicivilizados e índios a vencer a fase intermediária entre a destruição tribal e a assimilação da sociedade branca. Dom Eurico, como dom Massa, dom Luis Palha — que cheguei a conhecer na minha infância belenense — chegou à Amazônia, quando a região era objeto apenas das divagações dos poetas, dos literatos; a borracha já havia entrado em declínio.

Como os Capuchinhos do Alto Solimões — como tive a oportunidade de visitar — enfrentou ele todas as dificuldades do meio. O Xingu era o fim do mundo. Não havia a FAB. A única estrada era o rio. E quantas vezes viu a morte como narra em seus livros "Sangue nas Pedras" — idem "A Moringa Quebrada".

... Hoje, mesmo nos meios eclesiásticos, já se discute o direito de a Igreja cristianizar o índio. Muitos, como dom Tomás Balduino — disse-o aqui em Curitiba — afirmam que a Igreja precisa se converter. A verdade é que a Igreja na Amazônia — tomando o início do século como ponto de partida, teve uma missão de civilizadora dos "semicivilizados". Os inúmeros internatos do Rio Negro, as casas das prelazias (Amaturá-São Paulo de Olivença, Benjamin Constant, Tabatinga, Coari — onde é bispo o amigo dom Gutemberg Freire —, Tefé, Altamira) alfabetizaram, trouxeram para o meio branco os que haviam sido destruídos nas suas raízes tribais. Houve muitos erros. (Talvez fosse mais acertado deixá-los na selva, mas...)



Hoje, quem viaja pelo interior da Amazônia — mormente pelo Alto Solimões, pelo Xingu, pelo Rio Negro pode testemunhar o tripé: Índio - FAB - Missionário. É a presença constante. Anônimos, fabianos e missionários atuam naqueles pontos remotos do território nacional.

É para um brasileiro — mormente para os que como eu têm raízes tricentenárias em terras brasileiras — motivo de orgulho saber que um estrangeiro está há 50 anos no interior da Amazônia — quase anônimo em relação ao resto do País. Outros mais, como dom Luis Palha, dominicano francês (brasileiro de coração), como dom Massa, dom Barrat, no passado. Foram eles, no ponto de vista da nacionalidade, que levaram àquelas nações em fase de extinção — pelo contato com o branco (aqui entra uma longa história) notícias do Brasil, ao lado dos brabos, dos soldados da borracha, dos militares de nossas guarnições de fronteira. (Que o digam Atalaia do Norte, Oiapoque, Tabatinga.) Dom Eurico merece nosso respeito. A falta de espaço. Ponto final.